

Do corpo objeto ao corpo atlético: apontamentos sobre o futebol de mulheres

From body as an object to the athletic body: notes on female soccer

Lílian Pereira da Silva*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.
pereira.liliansil@gmail.com

Maria Isabel Brandão de Souza Mendes**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
isabelbsm1@gmail.com

Resumo

Este estudo tem como objetivo discutir aspectos socioculturais que contribuem com a construção do corpo no futebol de mulheres. Trata-se de uma pesquisa qualitativa a qual se embasa na abordagem fenomenológica, que interpretou as falas de 15 jogadoras de futebol do Cruzeiro Futebol Clube, por meio de uma entrevista semiestruturada. Ao discutir como estas jogadoras constroem seus corpos no futebol de mulheres, observamos que as compreensões de corpo podem ser ampliadas nas relações e nos diálogos entre os sujeitos. E que além disso, os corpos carregam em si inúmeras percepções, tais como corpo ferramenta, corpo físico e corpo atlético, as quais são subjetivas e inacabadas e ora se referem de forma semelhante aos discursos disseminados socialmente, ora divergem de tais conceitos.

Palavras-chave: Futebol; Mulheres; Corpo; Práticas Corporais; Educação Física.

Abstract

This study aims to debate sociocultural aspects that contribute to body construction on female soccer. A qualitative research based on a phenomenological approach was used to evaluate 15 female soccer players from Cruzeiro Futebol Clube, through a semi-structured interview. From the discussion about how these players build their bodies in female soccer, it was observed that the comprehensions of the body can be broader in relationships and dialogues between individuals. In addition, bodies carry in themselves multiple perceptions, such as the body as a tool, the physical and athletic body. This perceptions are subjective and incomplete, sometimes they relate with socially disseminated discourses, sometimes they diverge with such concepts.

Keywords: Soccer; Women; Body; Body practices; Physical education.

* Mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Pós-doutora pela Université de Montpellier II. Docente da Graduação e da Pós-Graduação Stricto Sensu do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil.

Do corpo objeto ao corpo atlético: apontamentos sobre o futebol de mulheres

Introdução

Pesquisas a respeito dos mais diversos significados e representações que o corpo assume nas práticas corporais, em especial, no futebol, têm conquistado um espaço cada vez maior no campo do movimento humano, cultura e educação. Historicamente, a participação da mulher no esporte é entendida e marcada pelo valor estético que é atribuído a ela, e não do ponto de vista atlético (Giarola, 2003; Freitas, 2004; Miquelasso, 2005 e Noronha, 2010).

Na contemporaneidade é possível observar certa espetacularização do corpo da mulher praticante de futebol, espetáculo esse cercado por preconceitos, estereótipos, dificuldades, desvalorização, limitações, discriminações e comparações sociais, o que acaba por incitar discursos infundados que indicam um padrão ideal de corpo a ser seguido, especialmente, pelos praticantes desse esporte.

Considerando esse contexto, é possível afirmar que o futebol não se trata de um processo de assimilação passiva, em que o corpo vai sendo moldado. Pelo contrário, a cultura futebolística, que geralmente é marcada por tensões e resistências, além de satisfações e contentamentos, marca o corpo das praticantes ao mesmo tempo em que é marcada por ele, nele também se constrói e reconstrói esse corpo.

Importante destacar o que denominamos de construção do corpo nesta pesquisa. Percebendo o corpo como forma de ser no mundo, a partir do entendimento de corpo uno e inconcluso, nos debruçamos na obra Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (1999) estabelecendo relações com a compreensão de corpo defendida pelo referido autor, uma vez que para ele o corpo não é determinado, pois se modifica constantemente ao estar situado no mundo. Pelo fato de o corpo ser próprio no mundo, ele é construidor de cultura e história, referência da nossa existência, que está em constante construção e reconstrução.

No entanto, apesar dos corpos masculinos e femininos se constituírem nas mais variadas instâncias sociais, parece que é na Educação Física, em especial nas práticas esportivas, que essa distinção é mais evidente. É provável que isso ocorra porque, ainda hoje, tendo como alicerce uma visão de corpo padrão, estereotipado e discriminado a partir das aptidões físicas aceitas socialmente, considera-se a ideia de práticas esportivas indicadas para homens e outras, para mulheres.

Sobre essas diferenças de corpos entre mulheres e homens, Bourdieu (2002), em seu livro sobre a dominação masculina, mostra como essas diferenças vão sendo naturalizadas e como podem ser vistas em atividades cotidianas. Desse modo, o autor destaca que a diferença biológica entre o corpo de homens e de mulheres serve de justificativa natural do que é construído socialmente.

Assim, estudar como as atletas de futebol percebem seu corpo, assume, atualmente, papel de destaque, visto que é crescente o aumento de mulheres envolvidas no esporte. O cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos são conceitos importantes para o entendimento do ser humano enquanto corpo situado no mundo, construidor de cultura e história e para a compreensão de suas diversas formas de se movimentar e atuar no mundo em que vive (Mendes, 2008).

Diante da problemática apresentada, buscou-se compreender aspectos socioculturais que contribuem com a construção do corpo no futebol de mulheres da equipe do Cruzeiro Futebol Clube.¹ Nesse sentido, estabelecemos relações com a compreensão de corpo de Merleau-Ponty (1999), no sentido de discutir como essas jogadoras constroem seus corpos

1 Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado que aborda a construção do corpo no futebol de mulheres e suas relações com a saúde, cujos sujeitos da pesquisa foram as atletas do Cruzeiro Futebol Clube da cidade de Macaíba/RN. O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética, por meio do parecer 2.996.433.

no futebol de mulheres. Para Merleau-Ponty (1999), o corpo é a união de significações vividas, não é uma coisa e sequer uma ideia abstrata, e sim, existência intencional e sensível, o qual nos permite considerar as nossas experiências no mundo, a partir da nossa vivência com os entendimentos construídos ao longo de nossas vidas por meio do qual percebemos o mundo.

Adentrando a Fenomenologia

Essa pesquisa se embasa na abordagem fenomenológica. Nesse sentido, primeiramente é necessário entender que:

...ao adotar a fenomenologia como referência metodológica, faz-se necessário incorporar a atitude ancorada na experiência vivida e aberta às aventuras da reflexão. O método fenomenológico é, antes de tudo, a atitude de envolvimento com o mundo da experiência vivida, com o intuito de compreendê-la. Essa posição não é uma representação mental do mundo, mas envolvimento que permite a experiência, a reflexão, a interpretação, a imputação e a compreensão dos sentidos (Nóbrega, 2010: 38).

A Fenomenologia parte da experiência dos sujeitos, considerando os relatos do mundo vida, e assim, neste estudo, possibilita conhecer e entender as significações do corpo da mulher no universo do futebol, através das suas experiências e entendimentos ao longo de suas carreiras/vidas, como “um relato do espaço e tempo, do mundo ‘vividos’” (Merleau-Ponty, 1999:1).

Para Merleau-Ponty (1999), “a fala é um verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu. Para que eu compreenda as falas do outro, evidentemente é preciso que seu vocabulário e sua sintaxe ‘já sejam conhecidos’ por mim” (p. 249). Nesse sentido, ao utilizar a Fenomenologia, foi possível comparar o conhecimento já existente com as concepções individuais das jogadoras, possibilitando, assim, uma forma de reaprender a ver o mundo do futebol de mulheres.

Desse modo, adentramos o mundo vida dessas jogadoras, acompanhando os treinos e jogos e realizamos uma entrevista semiestruturada com 15 jogadoras que se voluntariaram para participar da pesquisa. O roteiro dessas entrevistas foi feito considerando todos os momentos, etapas e espaços de suas vidas nos quais a prática do futebol era possível, mas também pensando nos significados que o esporte tem para essas mulheres e os motivos para continuar praticando-o. Para evitarmos exposições dos sujeitos, criamos nomes fictícios para cada jogadora utilizando

os nomes das jogadoras que compõe a atual seleção feminina de futebol do Brasil.

As jogadoras que compõem a equipe do Cruzeiro Futebol Clube possuem idades entre 18 e 31 anos, e doze delas estão cursando o Ensino Superior. Dez das entrevistadas se consideram profissionais do mundo da bola, mesmo sem possuírem vínculo empregatício com o clube. Dentre as cinco que não se consideram jogadoras profissionais, quatro possuem emprego formal, sendo uma servidora pública, outra garçanete, uma professora e a quinta e última não está trabalhando no momento. Com relação ao tempo de prática, cinco delas possuem entre 18 e 22 anos, outras cinco de 10 a 13 anos e as cinco restantes entre 2 e 7 anos. As motivações para a iniciação da prática são distintas, das quais se destacam o interesse próprio pelo esporte, incentivo dos pais e amigos e busca por manter uma atividade física regular.

Para a interpretação dos resultados, organizamos as informações colhidas, considerando também os aspectos sensíveis e perceptivos captados durante as observações das práticas, gravações e transcrições das entrevistas a fim de interpretar a experiência dos sujeitos para compreender os sentidos e significados do fenômeno.

Fundamentados no referencial teórico supracitado, discutiremos a seguir como se constrói o corpo no futebol de mulheres a partir das narrativas das jogadoras do Cruzeiro. Sob a justificativa de promover uma melhor compreensão, identificamos as unidades de significados a partir de três compreensões: Corpo Ferramenta; Corpo Físico e Corpo Atlético.

A construção do corpo no futebol de mulheres

O futebol foi caracterizado desde a sua origem como um espaço que reflete a imagem masculina por apresentar como principal característica o emprego de níveis elevados de força, agilidade, habilidade e resistência. Esses atributos não são bem vistos e aceitos no corpo feminino na cultura brasileira (Bourdieu, 1995).

Considerando esse contexto, é válido destacar que o futebol não se trata de um processo de assimilação passiva, em que o corpo vai sendo moldado. Pelo contrário, a cultura futebolística, que geralmente é marcada por tensões e resistências, além de satisfações e contentamentos, marca o corpo das praticantes ao mesmo tempo em que é marcada por ele, nele também se constrói e reconstrói esse corpo.

No estudo de Farias (2009), é perceptível que a aprendizagem do futebol está difusa em diferentes modos de participação na prática social e envolve mais do que técnicas, táticas e regras. E que os valores

nele embutidos e dele derivados estabelecem limites sociais, sobretudo, para a prática feminina. Nesta direção, é-nos válida a colocação de Goellner (2000), ao discorrer sobre o futebol de mulheres, ao afirmar que:

...criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, o futebol parece pertencer ao gênero masculino, como parece também ser seu o domínio de julgamento de quem pode/deve praticá-lo ou não. É quase como se à mulher coubesse a necessidade de autorização masculina para tal (...) Ou seja, é um jogo para machos (p. 81).

Nesse contexto, podemos dizer que, nas práticas futebolísticas cotidianas, o corpo não é meramente um objeto mecânico, constituído somente por comandos biológicos, ou como algo separado da mente, mas sim o “meu ponto de vista sobre o mundo” (Merleau-Ponty, 1999: 108), que me situa entre as pessoas, fatos e situações, um corpo pensante que me permite enxergar, perceber e interpretar as diferentes situações existenciais.

Para Merleau-Ponty (1999), o corpo é considerado natural e cultural e vai sendo construído numa relação recíproca com o mundo em que se vive. Outro pensador que traz elementos para se pensar na construção do corpo não somente do ponto de vista biológico, mas também social é (Bourdieu, 1996). Para este autor, a construção do corpo não se limita somente a ser um produto do indivíduo, nem tampouco é fruto somente da sociedade. A construção do corpo é constituída pela relação recíproca entre o individual e o coletivo.

Discutir como as jogadoras constroem os seus corpos não é algo comum nas equipes de futebol. Ao serem questionadas sobre como percebem seu corpo, as entrevistadas demonstraram certa dificuldade em expressar-se a respeito do assunto. Nos estudos de Goellner (2001), Paim e Strey (2004), Giarola (2003), Goellner (2005), Martins e Moraes (2006), Souza (2011), Salvini (2012) e Souza et. al. (2017) o corpo da mulher praticante de futebol é masculinizado, estereotipado e tratado como produto.

A partir das narrativas das jogadoras do Cruzeiro, percebemos variadas compreensões a respeito de como os corpos são construídos no futebol de mulheres, as quais, ora se referem de forma semelhante aos discursos disseminados socialmente, ora divergem de tais conceitos.

Todavia, as compreensões apresentadas acerca do corpo demonstraram que os corpos das jogadoras são construídos e reconstruídos a partir do diálogo entre os corpos, tal como nos aponta Mendes (2013) ao considerar que os corpos “vão adquirindo

multiplicidades através da convivência com outros corpos” (p. 84). A partir disso, emergiram diferentes noções que se expressam em três compreensões, que estão listadas a seguir.

Corpo como ferramenta (Corpo Objeto)

A definição do objeto, nós o vimos, é a de que ele existe partes extras e que, por conseguinte, só admite entre suas partes ou entre si mesmo e os outros objetos relações exteriores e mecânicas, seja no sentido estrito de um movimento recebido e transmitido, seja no sentido amplo de uma relação de função variável (Merleau-Ponty, 1999: 112).

Partimos a nossa reflexão do que foi apontado nessa citação de Merleau-Ponty (1999) para problematizar as compreensões que aqui serão abordadas. Pelo que foi observado, as jogadoras entrevistadas, por vezes não se colocam numa atitude reflexiva ao pensarem sobre a construção do seu corpo no futebol, posto que, ao responderem alguns questionamentos, elas se referem apenas às questões do mundo visível, e não do sensível – sendo que este é por onde apreendemos pelos sentidos o que nos cerca.

A corrente de pensamento do filósofo Merleau-Ponty busca superar o dualismo cartesiano², ele defende a interação entre o pensamento e os sentidos. Tal como apresenta Nunes (2004) quando afirma que o que, eu percebo uma coisa, a que meu corpo se alia, ou seja, eu sou meu corpo e meu corpo está no mundo indivisivelmente.

Numa relação de conhecimento, é preciso adentrarmos no sensível, unindo o sujeito que conhece ao objeto que é conhecido. Assim, a partir das falas, retornamos ao mundo vivido dessas jogadoras, mesmo que suas falas caracterizem o mundo objeto, visto que “a diferença não está na forma de juízo vazio mas no texto sensível que ele põe em forma, perceber o sentido pleno da palavra, que se opõe a imaginar, não julgar, é apreender um sentido imanente ao sensível antes de qualquer juízo” (Merleau-Ponty, 1999: 63), ou seja, buscando compreender o sensível.

2 Conceito apresentado por René Descartes, o qual baseia-se em um dualismo entre corpo e alma. Do latim (*res extensa* – “coisa extensa”) e consciência (*res cogitans* – “coisa pensante”). Para Descartes, o corpo é uma substância material e a mente é imaterial, indivisível, que não possui medida, forma, extensão, peso ou qualquer outro traço que seja característico do corpo. Dessa forma, mente e corpo são compreendidos como substâncias que possuem natureza, realidade e funcionalidade diferentes e que encontram-se separadas, embora interajam entre si (Vanucchi, 2017). Acervo filosófico: Dualismo Cartesiano. Disponível em: < <http://www.acervofilosofico.com.br/dualismo-cartesiano>>. Acesso em 04 de dez 2019.

O corpo é criador de sentidos enquanto Ser no mundo. Pensar nesse corpo nos instala primeiramente uma atitude reflexiva. Nesse contexto, o trecho retirado da obra Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (1999) nos direciona à compreensão de uma visão fisiológica mecanicista acerca do corpo, algo que se expressa nas falas das entrevistadas, nas quais alguns elementos dessa construção refletem o dualismo cartesiano.

O corpo da mulher praticante de futebol assumiu diferentes significações na sociedade. Dessa forma, podemos traçar um paralelo com as concepções que o corpo da mulher carregou durante anos, as quais se assemelham com a ideia de corpo como objeto, utilitário, visto como um meio para exercer uma função social, a de gerar e criar os filhos (Goellner, 2003). A esse respeito, Thardiére explica que:

Vale lembrar que no início do século XX, o fortalecimento do corpo feminino através da exercitação física era visto como uma maneira de melhor preparar as mulheres para a condução de uma boa maternidade cumprindo, assim, com a máxima de que as mães fortes são as que fazem os povos fortes (Thardiére em Goellner, 2005: 144).

Ao serem estimuladas a pensar na forma em que enxergam seu corpo enquanto jogadoras de futebol, evidenciamos em algumas das falas que as atletas percebem o seu corpo como uma ferramenta, uma forma de se alcançar um objetivo, como meio para concretizar suas ações dentro do ambiente esportivo, através dos treinos.

Para Teixeira e Caminha (2013) “é possível entender que a mídia teve um papel importante dos mecanismos de exibição do corpo atlético feminino, de que o mesmo precisa ser forte” (p. 277). Assim, identificamos que há uma referência de corpo enquanto algo que pode ser preparado, treinado para a prática da modalidade, como podemos perceber nos seguintes trechos:

...Eu vejo como uma forma de ferramenta que a gente pode utilizar para fazer tudo que a gente faz no nosso dia-a-dia ... a partir do momento que eu comecei a treinar, treinar e treinar, eu fui conseguindo transformar esse meu corpo pra aquilo que eu queria - que era tipo, ser cada vez melhor no jogo. Então, acho que o corpo mais como ferramenta mesmo (Tamires).

O meu corpo eu o percebo como meu instrumento de trabalho né?! Eu acho que o treinamento que a gente recebe contribui muito pra a construção desse corpo, porque quanto mais eu treino, mais eu preparo meu corpo

pra poder jogar futebol né, especificamente (Letícia).

A concepção de corpo presente nas falas das jogadoras, o aponta como algo externo a si, como objeto de uso que é transformado e condicionado pelo treinamento com vistas a alcançar o patamar máximo do desempenho, em busca dos melhores resultados e conquistas no esporte.

No entanto, esclarecemos que “quando digo que um objeto está sobre uma mesa, sempre me situo em pensamento na mesa ou no objeto, e aplico a eles uma categoria que em princípio convém à relação entre meu corpo e objetos exteriores” (Merleau-Ponty, 1999: 147). Assim, a partir do exposto, fica evidente que meu corpo não é algo exterior a mim, mas sim o meio pelo qual significo as coisas ao meu redor. “O percebido comporta lacunas que não são simples ‘impercepções’” (Merleau-Ponty, 1999: 33), ou seja, olhar para outra direção torna possível a ampliação do ser.

Ainda assim, não nos surpreende o fato de a instrumentalização do corpo está fortemente relacionada ao racionalismo, visto que, a medida que nos colocamos enquanto seres racionais, maior é a chance de nos darmos conta das transformações que essa atitude faz aparecer (Gleyse, 2018).

Com isso, destacamos que parte desta pesquisa importa problematizar como a experiência e as memórias servem para debater questões primordiais para a existência humana, que é como o ser se situa no mundo, manifestadas a partir da experiência aos sentidos humanos e à consciência imediata do mundo vivido do futebol dessas jogadoras.

Corpo Físico (Corpo visto pela aparência)

Uma forma de acomodar a permanência das mulheres nestes esportes tem sido o discurso em torno da busca da vaidade e do embelezamento das atletas. Este discurso é uma forma de legitimar a permanência das mulheres possibilitando novas formas de pertencimento a estes esportes que possuem uma identificação com os homens. O discurso do embelezamento é uma forma de ressaltar as características femininas. Por outro lado, o debate de gênero criticou exatamente o posicionamento de valorização das mulheres enquanto atletas em relação à beleza em detrimento de sua performance. Ao adotar o discurso do embelezamento, estaríamos na contramão do debate de gênero? Ou seriam apenas novas apropriações do esporte de confronto pelas mulheres? (Moura et al., 2010: 19).

A abordagem estética do corpo geralmente está associada à aparência. Todavia, consideramos que a estética refere-se aos diferentes sentidos alcançados pelo corpo em movimento, assim utilizamos da perspectiva fenomenológica como caminho para alcançarmos tal entendimento. Desse modo, passamos a considerar a realidade do corpo expressa através dos diferentes discursos produzidos acerca da construção do corpo no futebol de mulheres, buscando perceber como ocorre essa construção.

Construído pelo contexto social e cultural, o corpo é o vetor significativo pelo qual se dá a inerência do corpo no mundo (Le Breton, 2007). Com a bola nos pés, as mulheres driblam fronteiras, obstáculos e preconceito, construindo assim novas formas de ser mulher jogadora de futebol. Para nós, o empoderamento a partir do esporte permite que elas se apropriem de seu-corpo-para-si, relativizando inclusive as amarras estabelecidas socialmente (Souza Júnior, 2018).

Nesse contexto alguns discursos propõem-se a compreender as lógicas corporais e a condição humana a partir da perspectiva de como esses corpos se apresentam e do que representam socialmente. Para Le Breton (2007), “o primeiro constituinte da aparência tem relação com as modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural do autor (...) Por outro lado, o segundo constituinte diz respeito físico do ator” (p. 77), estes termos despertam sentidos diversificados, os quais identificamos nas falas das jogadoras.

Dentre as significações expostas pelas jogadoras do Cruzeiro, a compreensão da construção do corpo enquanto algo físico se destacou. Talvez seja possível afirmar que isso ocorreu, provavelmente, devido a essa ser a forma “mais popular” de nos referirmos ao nosso corpo cotidianamente, uma vez que “a apresentação física de si parece valer socialmente pelo valor moral” (Le Breton, 2007). A esse respeito, as jogadoras expressam exatamente isso:

Meu corpo enquanto jogadora de futebol, eu vou ser bem sincera ... muito gostosa! porque deixa o corpo da gente top, vai dizer que não é?! Então, com pernao, com bundão, com coxão ... então, eu gosto muito do meu corpo, eu gosto muito do meu corpo (...) (Marta).

Eu percebo meu corpo mais ativo, mais formado ... não sei explicar exatamente como eu vejo o meu corpo, mais alegre, mais saudável, 100% ... Pelos treinos serem muito intensos, a prática do esporte ser muito intensa, ele nos faz atingir, fisicamente né?! um bom patamar (Rafaelle).

Meu corpo se desenvolve mais em músculo,

perde mais gordura ... eu me sinto mais leve, fica melhor até para correr (Andressinha).

As transformações corporais que a prática do futebol causa, como a questão do melhoramento orgânico do corpo, são abordadas como características da prática esportiva. O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, os músculos delineados são traços comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher (Trepete, 2011) e são referenciais para a construção do corpo delas.

Como que a robustez muscular e o desenvolvimento de algumas capacidades físicas como a força, resistência, potência, agilidade e a velocidade, por exemplo, fossem construindo esse corpo, na medida em que é treinado, quando passa por uma sequência de treinos específicos do próprio esporte.

Ampliando a compreensão de corpo físico, outra jogadora apresentou uma fala bastante similar às citadas acima, no entanto, ela aborda um ponto que nos chama atenção, que é a questão do crescimento físico *versus* a feminilidade ao expor que: “em relação ao meu corpo eu sinto que assim, há as mudanças, porém, sem perder ... eu vejo que tem as mudanças em relação a musculatura, começa a ficar ... a ter um desenvolvimento maior, mas nada que tire minha feminilidade” (Bia).

A ideia de corpo apresentada indica que a construção do corpo dessa jogadora confronta o que foi constatado nos estudos de Sousa (2009), quando o autor aponta que “a prática de determinados esportes devia ser condizente com a feminilidade esperada socialmente, tendo em vista o olhar discriminatório à masculinização da aparência” (p. 16). A esse respeito, Aldelman (2003) retrata essa compreensão em seu estudo, ao revelar que “o corpo feminino ‘ideal’ é magro e firme, embora não ‘musculoso demais’...” (p. 448).

Esse assunto é debatido por diversos autores, em variados trabalhos, como o de Goellner (2005), Freitas (2007), Vianna (2008), Teixeira e Caminha (2013), Salvini, Souza e Marchi Júnior (2015), Rodrigues (2015) e Rihan (2017), em que por vezes, o fato da mulher praticar um esporte, especialmente o futebol, é visto como contraditório aos indicadores de feminilidade.

Todavia, a partir dos relatos das atletas, é perceptível que as mudanças que o treinamento gera sobre os corpos das jogadoras também contribuem com a forma como elas constroem seus corpos. Tais compreensões reverberam o pensamento exposto por Porpino (2006):

O corpo também se impõe quando descobre sua capacidade de problematizar, de mudar,

de transgredir o já conquistado. Ora se submetendo, ora resistindo, o corpo cria e recria a criação, sendo nova a criação e nova criatura a cada instante na convivência com outros corpos (p. 54).

Desse modo, destacamos que o corpo pode ser compreendido como resultado de nossas vivências e interações com o mundo e com o outrem. E que ao estarmos imersos no mundo através do nosso corpo, é possível redefinir o modo como percebemos esse o corpo através de um processo de construção de novos significados acerca desse corpo. Além disso, percebemos que a influência do imaginário social a respeito do corpo dessas atletas foi tido como menos importante ao se referirem às sensações a transformações ocasionadas pelo futebol.

Corpo Atlético (Resultado do treinamento)

O corpo é alomórfico, é adaptativo e adaptado... é cobrado, é olhado, é alvo de críticas e de desejo, de regras e repressões... o que nem sempre é lembrado, é que junto de um corpo, tem sempre um humano (De Souza Dourado et al., 2018: 207).

Mesmo com o processo de grandes mudanças que se foram desencadeando ao longo dos anos no sentido de ampliar a apresentação do corpo da mulher atleta (Salvini, Ferreira e Marchi Junior, 2014), ainda é constante a associação do corpo feminino com estereótipos de masculinização no futebol de mulheres.

Nesse sentido, é válido destacar que o corpo é resultado de nossas experiências enquanto seres no mundo, a partir de nossas vivências e relações com outros corpos. Para Mendes (2013):

O corpo vai se modificando e vai adquirindo significados novos mediante as experiências que vão ocorrendo e, é através dos nossos gestos que somos capazes de expressar muitos desses símbolos e esconder outros, formando portanto, a linguagem do corpo: o corpo está sempre se reorganizando (p. 37).

Sabendo que a prática regular de atividade física proporciona um desenvolvimento do sistema cardiorrespiratório e muscular, e que por vezes isso ocorre em demorado, as jogadoras Luana e Cristiane, ao discutirem a forma como percebem seu corpo no futebol, destacam que em meio aos estereótipos e preconceitos existentes, o corpo de uma jogadora é nada mais nada menos que um corpo atlético, e não masculino/feminino, forte/fraco, alto/baixo e etc.:

“Eu me sinto proporcional, entendeu?! nós atletas, quando a gente pratica algum tipo de esporte a gente fica um pouco musculosa, como

falam né?! que a gente fica um pouco mais masculina. Eu acho que todo atleta quando pratica algum exercício físico, as pessoas de fora conseguem identificar devido que o corpo dá uma modificada. Mas não me incomoda não. Eu não me preocupo não, eu acho que a gente tem que ter uma força né a mais?! o corpo vai exercitar pra aquilo entendeu?! a gente tem que ter uma massa adequada poder conseguir fazer os exercícios, a prática” (Luana).

“Enquanto jogadora de futebol eu percebo meu corpo de uma forma ... eu me sinto bem jogando futebol. Assim, eu acredito que todas as mulheres que praticam um esporte de uma forma regular, querendo ou não a gente tem um traço que a sociedade dita como masculino. Mas que na minha percepção, não é masculino, e sim, atlético - por você estar praticando atividade física de forma regular” (Cristiane).

A compreensão apresentada pela Luana expressa um olhar voltado para as mudanças corporais que a própria percebeu que sofreu com a prática regular do esporte, como a obtenção e definição muscular, bem como o ganho de força. Essas transformações ocorrem devido à demanda de trabalho que o corpo recebe pelo treinamento no futebol. Nesse sentido, destacamos que “o corpo vai se transformando e é o espaço complexo e heterogêneo de inscrição dos acontecimentos” (Mendes, 2013: 95).

É notório que a jogadora Cristiane entende que o corpo atlético necessita de certas particularidades para desempenhar bem sua função enquanto atleta, precisa estar preparado para atender às exigências do esporte. Desse modo, a mesma afirma que tais mudanças são típicas dos corpos atléticos.

Nesse contexto, aliado às questões socioculturais, físicas e de objetificação do corpo frente ao esporte, surge a questão do treinamento como algo que contribui para a construção dos corpos dessas atletas. Nos relatos, fica evidente que o treinamento vai além dos treinos técnicos e táticos desenvolvidos dentro de campo, fora dele, as jogadoras passam por uma série de cuidados e orientações – tudo em busca do desempenho perfeito.

Questionadas sobre o como o treinamento contribui para a construção do corpo, as respostas variam, no entanto, a maioria traz reflexões no sentido de preparação para o esporte mesmo. Elas destacam a variação dos locais onde acontecem os treinos e o quanto percebem que o mesmo contribui:

“Quando a gente vai pra a academia, que a gente faz o treino musculação; quando a gente faz físico, a gente vai vendo que esses treinos

juntos, nos auxiliam muito dentro de campo e acho que é muito importante pra todo atleta” (Formiga).

“O treinamento contribui bem, estou bem fisicamente. Pesava 83kg agora eu tô com 70kg, me ajudou perder 13kg fazendo preparação física dentro de campo e físico na areia” (Erika).

Desse modo, percebemos o treinamento como um caminho que necessita ser trilhado para dar conta das demandas que o ser atleta implica. Algo que também fica evidente nas falas das jogadoras é a questão da quantidade e intensidade dos treinos. Percebemos que prevalece a ideia do quanto mais treino, melhor será meu desempenho: *“(...) acho que o treinamento que a gente recebe contribui muito pra a construção desse corpo, porque quanto mais eu treino, mais eu preparo meu corpo pra poder jogar futebol né, especificamente” (Letícia).*

Além da preparação física, uma das jogadoras destaca a questão da dedicação necessária para a execução dos treinos:

“O treinamento, ele embasa muito na construção do fator de ser atleta, porque quem vive do futebol amador/profissional acaba que se dedicando muito, muito do seu tempo é pra a prática do esporte. Então, exige muito da atleta, você pra conseguir render, você tem que se dedicar muito no seu treinamento - tanto no seu funcional, quanto específico pra modalidade” (Ludmila).

Desse modo, podemos identificar que, mesmo sem serem profissionais do mundo da bola, as atletas do Cruzeiro destinam grande parte do seu tempo para o treinamento, focadas no aumento do desempenho atlético. Além disso, ao se referirem aos treinamentos que executam, além dos quesitos físicos e fisiológicos, surge a questão do bem-estar, qualidade de vida e saúde como benefício desses treinos. Como podemos identificar nos relatos a seguir:

“Acho que ela possibilita ... é uma coisa ligada a outra né?! quando se joga você meio que entra em forma, e percebo a qualidade de vida melhor, a saúde melhor ... me sinto bem com o meu corpo, apesar de às vezes me sentir cansada e tal, mas faz parte. O treinamento ele contribui também pra a gente se sentir bem consigo mesmo” (Bárbara).

“O treinamento contribui com a construção do meu corpo diretamente porque as vezes que eu fiquei sem fazer esse treinamento de forma intensa, eu notei algumas mudanças: não só de peso, mas também de sentir-se leve – que também faz diferença” (Cristiane).

Assim, as mudanças corporais fazem parte da

reconstrução do corpo que o treinamento acarreta, a qual é percebida como positiva por elas:

“Com os treinamentos eu percebo que há uma evolução do meu corpo em relação a tudo: a musculatura, ao físico ... eu percebo que que cada vez mais vem mudando, vem crescendo, vem definindo e é algo que cada vez mais só acrescenta” (Bia).

“Aaaa, contribui de todas as formas. Eu nunca pratiquei academia, o corpo que eu tenho hoje é só devido ao futebol, devido aos fundamentos do futebol. Meu condicionamento físico” (Poliana).

Além dos aspectos físicos relacionados à construção dos corpos atléticos, a Cristiane acrescenta, ainda, que: *“levando pro emocional ... eu não me incomodo pela forma que meu corpo é visto e nem como eu vejo. Acho que eu fico satisfeita com o que realmente é ou com o que eu suponho que seja” (Cristiane),* ou seja, a construção desse corpo está em andamento, para as duas atletas.

Todos esses relatos expressam o quão forte é a influência da visão da sociedade que relaciona a prática do esporte como masculinizada, no entanto, elas não se sentem afetadas com tal fato. Ao contrário do pensamento de Le Breton (2007) ao afirmar que “o dualismo da modernidade não mais opõe a alma ao corpo, mais sutilmente opõe o homem ao corpo” (p. 87), o que não se confirma na fala da jogadora.

A esse respeito a narrativa da Ludmila vem corroborar com esse pensamento quando expõe que: *“(...) Com relação a percepção do meu corpo enquanto jogadora de futebol ... nós sabemos que a realidade ainda é muito complicada, mesmo tendo vários paradigmas já quebrados e discutidos na sociedade de hoje. A gente, culturalmente, tem a questão de dizer que o preconceito não existe, assim como outros fatores como o racismo, mas a gente sabe que assim na prática não funciona. Tanto em relação aos tabus que ainda se encontram principalmente quando você joga numa equipe de futebol feminino - e num estado em que o esporte ainda não é tão difundido, nem no masculino - então pro feminino é ainda muito mais difícil” (Ludmila).*

Identificamos também que as jogadoras possuem visões diferentes sobre como os corpos vão se construindo no futebol. A forma como percebem o mesmo varia e algumas até apontam questões socioculturais que ainda interferem na prática. Apesar de muitas não relacionarem a associação de gênero, sexualidade e feminilidade com a prática, tanto que algumas sequer tocam no assunto, outras já percebem

esse olhar mais discriminatório. Esta relação com a pouca percepção sobre esse olhar discriminatório do corpo das jogadoras, pode ser compreendido pelo processo de naturalização das diferenças construídas socialmente, como destacado por (Bourdieu, 2002).

Somando-se a isso, é significativo destacar que a compreensão cartesiana de corpo fragmentado ainda é dominante nas manifestações sociais, no entanto, reconhecemos a importância dos avanços dos estudos fenomenológicos, os quais nos permitem entender que “o nosso corpo é um emaranhado de complexidades totalmente conectadas e interdependentes, inclusive com a razão” (Aguiar, 2019: 64). Por essa razão, é tão importante ampliar os estudos sobre o corpo.

Considerações Finais

Entender, portanto, como os corpos se constroem no futebol - o qual é dotado de sentidos e significados imbricados com a cultura da nação, produzidos e reproduzidos ao longo do tempo - traz considerações importantes para a Educação Física, uma vez que é a partir do corpo que vivenciamos as mais diversas práticas corporais e, através delas aprendemos e reaprendemos a enxergar e compreender tudo que está à nossa volta.

Ao discutir como as jogadoras do Cruzeiro Futebol Clube constroem seus corpos no futebol de mulheres, observamos que as compreensões de corpo podem ser ampliadas nas relações e nos diálogos entre os sujeitos. E que além disso, os corpos carregam em si inúmeras percepções, as quais são subjetivas e inacabadas.

Considerar o mundo vida dessas jogadoras centrado na percepção e no corpo-próprio, nos levou a compreender diferentes formas de ver a realidade e de compreender a cultura, o que nos direciona ao entendimento apresentado por Merleau-Ponty (1999), de que o mundo que habito não se trata do que penso, e sim, daquilo vivo. A prática do futebol, enquanto componente da cultura de movimento, “abrange formas de movimentar próprias de uma cultura, de uma cidade, de uma comunidade. O corpo ganha vida pelo poder do movimento, do sentido dos gestos, das afecções que movem as pessoas em cotidiano” (Mendes, 2013:11).

Ora pois, os pés conhecem o gramado, que conhecem a bola, que conhece a chuteira, que conhece a camisa, que também conhece a adversária. Tudo isso faz parte de um nó de significações; representações do futebol em que o corpo integra o sentido maior, por meio da experiência sensível, fazendo brotar transformações constantes. Desse modo, identificamos a multiplicidade das

maneiras como o corpo se constrói, as reflexões, por vezes variam, outras vezes se assemelham, e por fim incorporam alguns preceitos estabelecidos socialmente, como a visão hegemônica da dicotomia *corpo x mente*, a questão do culto ao belo, a estética e beleza corporal e os padrões de corpos atléticos.

Sendo assim, sugerimos a realização de debates a respeito da compreensão ampliada de corpo. Sabemos que o corpo tem sido objeto de estudo de várias ciências, por muitos anos, porém, ainda é necessário o diálogo entre essas ciências e o que se tem produzido em cada uma delas, de modo que se possa comparar, concordar, refutar e criar novos olhares, de modo a expandir os horizontes que guiam estes estudos sobre o corpo.

Por fim, apontamos outros desdobramos possíveis a partir desta pesquisa, como a realização de estudos que considerem as diferentes dimensões humanas sem fragmentá-las e no âmbito de futebol de mulheres, que seja aberto mais espaço para discussões que busquem entender as singularidades das praticantes, valorizando sua história e contribuindo para a popularização dessa modalidade. Diante deste contexto, apontamos ainda a necessidade de estudos que possam aprofundar determinados aspectos, com vistas a ampliar a compreensão da construção desses corpos. Nesse sentido, destacamos como cenários futuros de investigação, estudos sobre histórias de vida e as memórias das jogadoras, bem como sobre a questão da visão discriminatória do corpo de mulheres no futebol.

Bibliografia

- ADELMAN, M. (2003) “Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina”. *Revista Estudos Feministas*, N° 2, p. 445-465.
- AGUIAR, M. de O. (2019). *O corpo e o Yoga: reflexões fenomenológicas e implicações para a Educação Física*. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.
- BOURDIEU, P. (1995) “A dominação masculina”. *Educação e Realidade*, N°2. Porto Alegre, p. 133-184.
- BOURDIEU, P. (1996) *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus.
- BOURDIEU, P. (2002) *A dominação masculina*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- DE SOUZA DOURADO, C. et al. (2018) “Corpo, cultura e significado”. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, N° 2, p. 206-212.

- FARIAS, E. L. (2009) "Jogo de corpo, corpo do jogo: futebol e masculinidade". *Cadernos de Campo*, n. 18, p. 65-86.
- FREITAS, L. L. D. (2004). *Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física*. (Anais). Reunião da ANPED, Caxambu, MG, Brasil.
- FREITAS, M. de A. (2007). "Futebol e construção da subjetividade masculina: leituras da psicologia social". *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1(1), pp. 01-19.
- GLEYSE, J. (2018). *A instrumentalização do corpo: uma arqueologia da racionalização instrumental do corpo, da idade clássica à época hipermoderna* (1. ed.) São Paulo, SP: LiberArs.
- GIAROLA, W. A. (2003). *Corpo mulher no esporte: a questão da prática do futebol*. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, Brasil.
- GOELLNER, S. V. (2000). Pode a mulher praticar o futebol? In *Carrano, P.C. Futebol, paixão e política* (pp. 79-94). Rio de Janeiro, RJ: DP&A.
- GOELLNER, S. V. (2001). "A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade". *Motrivivência*, (16).
- GOELLNER, S. V. (2003) *Bela, Maternal e Feminina: Imagens da mulher na revista educação physica*. Rio Grande do Sul: Ijuí.
- _____, S. V. (2005) "Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades". *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, N°. 2, p. 143-151.
- LE BRETON, D. (2007) *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- MARTINS, L. T., MORAES, L. (2014). O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a Prática*, 10 (1), (pp. 69-82). DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v10i1.33360>.
- MENDES, M. I. B. de S. (2008) "O corpo humano: objeto de intervenções e sujeito da existência". *Estudos de Psicologia*, N° 2, p.185-186.
- _____, (2013) *Corpo e cultura de movimento: cenários epistêmicos e educativos*. Curitiba: Editora CRV.
- MERLEAU-PONTY, M. (1999) *Fenomenologia da percepção*. [Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. 2a ed. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- MIQUELASSO, J. S. (2005). *Futebol feminino: notas sobre a discriminação da mulher no esporte*. Trabalho de conclusão de curso, Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Paraná, Brasil.
- MOURA, D. L. et al. (2010) "Esporte, mulheres e masculinidades". *Esporte e Sociedade*, N° 13, p. 1-22.
- NÓBREGA, T. P. (2010). *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo, SP: Editora Livraria da Física.
- NORONHA, M. P. (2010). *Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o "lugar" feminino no futebol clubístico*. Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil.
- NUNES, B. (2004). Physis, Natura - Heidegger e Merleau-Ponty. In *Natureza humana*, 6 (2), (pp. 271-287).
- PAIM, M. C. C.; STREY, M. N. (2004). *Los vínculos generificados con el futbol en el imaginario de adolescentes*. In: Congreso de la federación latinoamericana de psicoterapia analítica de grupo. (Anais). V. 16, (p.475-482), Guadalajara: Federación Latinoamericana de Psicoterapia Analítica de Grupo y Asociación Mexicana de Psicoterapia Analítica de Grupo, México.
- PORPINO, K. O. (2006). *Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética*. Natal, RN: EDUFRN.
- RODRIGUES, M. C. et al. (2015). "O futebol como uma modalidade esportiva popular no Brasil e as lesões mais incidentes nessa prática". *Saúde em Foco*, v. 2, n. 2, pp. 14-28.
- RIHAN, T. M. (2017). *A mídia esportiva e o futebol de mulheres no Brasil: o que noticiam sobre elas?* In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis -SC, Brasil.
- SALVINI, L. (2012). *Novo Mundo Futebol Clube e o velho mundo do futebol: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol*. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Paraná, Brasil.
- SALVINI, L.; SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. (2015). "Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman". *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 29(4), 559-569. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-55092015000400559>.
- SALVINI, L.; FERREIRA, A. L. P.; MARCHI JÚNIOR, W. (2014) "O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990–2010)". *Pensar a Prática*, N° 4, p. 1-14.
- SOUSA, L. S. (2009). *Futebol feminino no país do futebol: trajetórias de jogadoras de um time*

- de futsal*. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, Brasil.
- SOUZA, M. M. D. (2011) *Futsal também é coisa de mulher: por que será que elas o praticam?* Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- SOUZA JÚNIOR, O. M. de. (2018) *Futebol de mulheres: a batalha de todos os campos* (E-BOOK). Simplíssimo Livros Ltda.
- SOUZA, M., AIRES, H., GONÇALVES, T. G., & ABAIDE BALBINOTTI, C. (2017). Mulheres no futsal: motivos que levam à prática. *Kinesis*, 35 (3). doi:<https://doi.org/10.5902/2316546426702>.
- TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. de O (2013) "Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática". *Movimento*, N° 1, 2013.
- TREPTE, P. F. (2011) "O futebol feminino no discurso de homens estudantes de educação física". Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 41pp.
- VANUCCHI, J. (2017) *"Dualismo Cartesiano"*. Disponível em: < <http://www.acervofilosofico.com.br/dualismo-cartesiano>>. Acesso em 04 de dez 2019.
- VIANNA. C., A. J. C. (2008) *Identidades em jogo numa turma de futebol de mulheres*. In *Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. (Anais). (p 1- 9), Santa Catarina, Brasil.

Citado. PEREIRA DA SILVA, Lilian y BRANDÃO DE SOUZA MENDES, Maria Isabel (2020) "Do corpo objeto ao corpo atlético: apontamentos sobre o futebol de mulheres" en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, N°34. Año 12. Diciembre 2020-Marzo 2021. Córdoba. ISSN 18528759. pp. 40-50. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/408>

Plazos. Recibido: 06/01/2020. Aceptado: 18/08/2020